

# GLOBALIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE E NOVOS ATORES SOCIAIS

Vilma Figueiredo

Os artigos integrantes deste conjunto que ora se publica na revista *Sociedade e Estado* foram originalmente produzidos como comunicações para a mesa-redonda realizada em 4 de maio de 1996, sob minha coordenação, na III Reunião Especial da SBPC em Florianópolis. A mesma mesa-redonda repetiu-se em 14 de maio, a convite do Núcleo de Política Científica e Tecnológica da UnB, em Brasília. Ao todo, reúnem-se as colaborações de Ilse Scherer-Warren, Caetano Ernesto Pereira de Araújo, Flávia Lessa de Barros e Maristela Bernardo.

Minha intenção, ao propor a mesa-redonda, foi aproveitar a oportunidade de um encontro da SBPC para colocar em debate aspectos envolvidos na questão ambiental, que podem ser explicitados e elucidados pelos instrumentos teórico-metodológicos da sociologia. A meu ver, isso se fazia necessário neste momento de politização crescente da relação do homem com o meio ambiente e de proliferação de versões, das mais catastróficas às mais otimistas, sobre os destinos do homem e seu planeta. Não custava muito tentar colaborar para o aumento da racionalidade sociológica na análise de alguns dos múltiplos aspectos que envolvem o tema do meio ambiente.

Com *Globalização, meio ambiente e novos atores sociais* pretendeu-se, antes de mais nada, sublinhar a dimensão científico-tecnológica da globalização. Tentou-se destacar o fato de que a revolução científica e tecnológica produz a redefinição do trabalho como delineador dos principais agentes sociais, ao mesmo tempo em que desloca a clássica oposição capital/trabalho

---

Vilma Figueiredo é professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Revista *Sociedade e Estado*, volume XI, n.º 1, Jan./Jun. 1996

do eixo central das transformações sociais. É também a revolução científico-tecnológica que, através das novas tecnologias e técnicas de informação e comunicação, cria a possibilidade do *tempo real no espaço virtual* e *encolhe* o nosso mundo. São os tempos, então, de distintas bases produtivas, de novos atores sociopolíticos e de diferentes eixos de transformações sociais.

É neste quadro que o ambientalismo se constitui como força política, tanto no que diz respeito à constituição de um corpo específico de valores como na definição e agregação de atores com ele envolvidos. Apresentando-se, ainda, como um campo em constituição, o ambientalismo fornece possibilidades 1) de críticas e de reajustes para os modelos prevaletentes de desenvolvimento científico-tecnológico, 2) de agregações transnacionais, interclassistas e suprapartidárias, e 3) de reinstitucionalização de interesses em ordens menos burocratizadas e mais globais.

Desse modo, o ambientalismo é uma das principais forças que, no momento, podem contribuir para uma vida mais igualitária e agradável no planeta. É importante sublinhar porém que, como qualquer força que atua nas sociedades, o ambientalismo está sujeito a resistências e oposições que o desafiam, diversificam e redefinem. Sob o manto do ambientalismo já se abrigam, hoje, diferentes tendências e propostas, nem todas positivas e nem todas fadadas ao sucesso.

Finalmente, é sempre bom lembrar que o novo, em termos de sociedades, surge, sempre, das entranhas daquilo que já existe. Inclusive os atores sociais. E é assim que se transformam e sobrevivem as sociedades.